

LITERATURAS AFRICANAS

DE LÍNGUA PORTUGUESA

João Carneiro

Já há mais de quatro anos, a escritora e crítica portuguesa Maria Isabel Colaço afirmava, vigorosamente: *Fala-se da crise da literatura, da poesia negro-africana, mas essa crise refere a literatura negro-africana francófona, (isto é, em língua francesa).*

Ultrapassada a negritude com o surgir dos movimentos de libertação, criam-se novas perspectivas. E o escritor africano toma consciência da sua condição de membro de um povo explorado que tem de servir-se de todas as armas ao seu alcance.

Ou, como escreveu Jean Sênac, É saudável que a poesia nos lembre que ela é, à sua maneira, um instrumento das sementeiras.

.....

Apesar de serem muitas as coordenadas comuns que afluem e confluem, a verdade é que a literatura africana em língua portuguesa é ainda praticamente desconhecida do leitor brasileiro.

O que me parece lamentável e pernicioso, para ambas as partes, e a pedir urgentes sugestões de alteração.

Falando da mais significativa literatura das ex-colônias portuguesas em África, hoje países formalmente independentes (isto é, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), lembro que o projeto político lhes é, hoje, comum.

Tal como, ontem, lhes fora comum o projeto cultural em geral e o projeto literário

rio em particular.

E, desejo sinceramente que deste nos so primeiro e espero que não último contato surjam muitos e grandes interesses e interessados por este tema sedutor e aliciante, que envolve a África de língua portuguesa.

.....

Na verdade, mais do que outro qualquer, o colonialismo português quis e soube e foi capaz de desestruturar as sociedades africanas que colonizou, empenhando-se num esforço gigantesco e violento, na destruição dessas sociedades, através de meios aparentemente inofensivos como a destribalização, a aculturação, a conversão religiosa, a mestiçagem, o desenraizamento.

O resultado fundamental e condensado dessa política, verdadeiro atentado à dignidade humana dos africanos, foi o *assimilado*. O *assimilado* era um produto híbrido.

Era um africano pretensamente europeizado, que ficava a meio caminho entre o universo branco, europeu, opressor, colonizador; e o universo negro, africano, oprimido, colonizado.

O colonialismo português produziu o *assimilado* como utensílio indispensável à sua própria sobrevivência como colonialismo.

Tentou, primeiro, usar esse utensílio (o *assimilado*) como instrumento colonial. Depois, simultaneamente, como sujeito e como objeto do neocolonialismo.

Todas essas tentativas resultaram, no entanto, e como hoje a história nos comprova, num insucesso quase total e completo.

É que, na hora-h, no dia-d, isto é, no momento historicamente inevitável da opção decisiva, a maioria dos *assimilados* escolheu a sua condição natural biológica, africana.

E repudiou a situação social forçada, de europeu.

Assim, o assimilado destruiu, com estrondo e com escândalo, o mito do luso-tropicalismo, pragmatizado por Salazar e Marcelo Caetano, e teorizado, equacionado e codificado, complicada e confusamente, pelo famoso sociólogo brasileiro Gilberto Freyre.

.....

Na verdade, e isso parece-me evidentemente significativo, foi o próprio universo dos assimilados que forneceu, a Cabo Verde, à Guiné-Bissau, a São Tomé e Príncipe, a Angola e a Moçambique, os seus melhores combatentes culturais nacionalistas, como Viriato da Cruz, Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário de Andrade, Alda Lara, Noémia de Sousa, Alda do Espírito Santo, Agostinho Neto e muitíssimos outros.

Afinal, a *élite* que o colonialismo português, com tanto cuidado e com tanta esperança, julgava ter criado à sua imagem e semelhança, transformou-se no setor social que se revelou mais capacitado para inicialmente equacionar o conflito colonial, ou seja, o seu próprio conflito.

E, portanto, para teorizar a sua denúncia, propor soluções alternativas, conhecer as aspirações dos seus respectivos povos.

E, ainda mais radicalmente, foi o primeiro setor social a pegar em armas contra um sistema colonial de quatro séculos e um regime totalitário-ditatorial de cinco décadas, com o objetivo último de conquistar a independência nacional dos seus respectivos países.

.....

Esta literatura, que denunciava a situação colonial, atingiu algumas vezes elevadíssimo nível literário.

Mas, sobretudo, esta literatura, que quase sempre foi poesia, conseguiu uma signifi-

cativa eficácia social.

Ela, *prenunciou*, ela *pré-anunciou* a *luta armada*, equacionando o problema colonial de uma maneira nova, incorporando-se na própria transformação da realidade, passando do simples exercício filosófico ao pleno engajamento e ao total compromisso.

Dinamizada e disciplinada, a energia desta literatura orientou-se e dirigiu-se para a inovação e para o radicalismo, tendo como principal objetivo a luta contra o colonialismo português.

.....

Esta literatura africana em língua portuguesa, como afirma o poeta e ensaísta da atual república democrática de São Tomé e Príncipe, Tomaz de Medeiros, conseguiu ultrapassar o famigerado *complexo de indígena* e conseguiu transformar-se em porta-voz e mesmo em construtor(a) das novas identidades nacionais.

Ora, os precursores desta literatura surgiram com o começo deste século vinte. Foram eles *Costa Alegre*, em São Tomé; o grupo da antologia *A Voz de Angola Clamando no Deserto*, em Angola; os irmãos *João e José Albasini*, e *Rui de Noronha*, em Moçambique; e, em Cabo Verde, *Eugênio Tavares*, *Pedro Cardoso* e *B. Leza*.

.....

Nesta moderna literatura africana de língua portuguesa, surgida somente nos anos 40 e 50 deste século, a língua usada é ainda a língua do colonizador, a língua portuguesa.

Porém, a expressão já é diferenciada; já não é europeia.

E é por isso que não mais se deve falar de *literatura africana de expressão portuguesa*, mas sim de *literatura africana em língua portuguesa* (como afirma o angolano Mário de Andrade), ou de *literatura de expressão africana em língua portuguesa* (como assinala o portu-

guês Pires Laranjeira).

Para estes escritores africanos, usar a língua portuguesa não era uma preferência, uma escolha, uma opção.

Tratava-se de uma imposição histórica, evidente e incontestável; pela sua própria condição, o *assimilado* estava proibido, pelo colonizador, de aprender, de ensinar, ou de usar as línguas nacionais africanas.

Portanto, a autenticidade desta literatura nasce com a sua particularização nacional, quando rompe com a ideologia colonial, quando o colonizado toma consciência de que é colonizado.

A partir desse corte, dessa rutura, esta literatura passa a depender da africanização a que os seus escritores obrigam e submetem a língua portuguesa. Acontece, desde então, aquilo a que podemos chamar de *subversão lingüística*, cujos nomes maiores terão sido, na poesia, os angolanos *Viriato da Cruz*, *João Maria Vilanova* e *Arlindo Barbeitos*; e, na prosa, o angolano *Luandino Vieira* e o moçambicano *Luís Bernardo Honwana*.

.....

Como que num parêntesis, julgo que vem aqui a propósito dizer que as teorias literárias da *negritude*, nomeadamente a *negritude senghoriana*, foram, em Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau, pouco mais do que um vago e rápido modismo literário; embora, é claro, tenham existido algumas e importantes exceções.

Os escritores africanos de língua portuguesa raramente partiram à descoberta da chamada *civilização ancestral*, como propunha e propõe a *negritude*. Também raramente escreveram sobre uma África paradisíacamente turística, ou falsamente sensual.

Por outro lado, também não se preocupam demasiado em sair à descoberta da conside

rada *personalidade africana*, como a propunham os teóricos do panafricanismo literário.

Enquanto para o poeta-maior da *negritude*, Leopoldo Sedar Senghor (hoje presidente da República do Senegal), *Negritude é o patrimônio cultural, os valores e sobretudo o espírito da civilização negro-africana*; nos escritores das ex-colônias portuguesas, a *reafricanização* aconteceu de um modo diferente.

Eles partiram em busca do homem *africano real*; daquele homem que era a vítima principal da exploração colonial.

Partindo deste posicionamento literário, os intelectuais colonizados por Portugal chegaram unidos (em sua quase totalidade) à luta e ao combate pela independência nacional dos seus respectivos países, colocando a questão em base social e não em termos raciais.

A obra literária, em geral, e a poesia em particular, passaram a constituir, *então*, uma verdadeira arma.

O ato literário, a exemplo de Hikmet e Maiakovski, transformou-se em ato de *combate*.

.....

Mais concretamente, foi no ano de 1948, em Luanda, que soou o primeiro apelo ao novo posicionamento, com a proposta cultural *vamos descobrir Angola!*

Esta proposta cultural logo ecoou como um verdadeiro grito nacionalista; congregando dezenas de jovens intelectuais da *capital angolana* em torno da revista literária *Mensagem/A voz dos Naturais de Angola*.

Este foi o parto da moderna *literatura angolana*.

Seria na sequência deste gesto cultural, que haveriam de nascer todas as *restantes literaturas africanas em língua portuguesa*.

E, significativamente, foi desses

núcleos culturais, que nasceram os principais movimentos de libertação nas colônias africanas de Portugal: o PAIGC, em Cabo Verde e na Guiné-Bissau; o MLSTP, em São Tomé e Príncipe; o MPLA, em Angola; a FRELIMO, em Moçambique.

.....

Nas então colônias africanas de Portugal, a poesia (e, repito, quase toda essa literatura tinha forma poética) foi o domínio privilegiado e o mais imediato da expressão literária do movimento de libertação nacional.

É que, como escreve o angolano Mário de Andrade,

"Quer os cantos tradicionais, exprimindo a glória dos primeiros heróis da resistência, quer os poemas de circunstância, compostos durante o período da noite colonial, ou ainda os poemas surgidos no fogo da nova guerrilha do homem(...), essas manifestações atestam a perenidade da poesia africana. Elas são o espelho que reflete a imagem ampliada da resistência dos povos contra a opressão, mas também o farol que guia a longa marcha para a liberdade".

.....

Devido à própria situação específica de luta, política e militar, mas também por causa das características próprias ao colonialismo português, a literatura de expressão africana em língua portuguesa assumiu aspectos e tons radicalmente diferentes dos aspectos e tons assumidos, por exemplo, pela literatura africana em língua francesa ou pela literatura africana em língua inglesa.

E, significativamente, o percurso literário vai ser comum a todos os territórios sob dominação colonial portuguesa: a luta contra o assimilacionismo, a particularização na

cionalista, o engajamento na luta da libertação nacional.

É então que surge a chamada *poesiade* de combate.

Designadamente, com os caboverdianos *Ovídio Martins* e *Kaoberdiano Dambarã*; os angolanos *Viriato da Cruz*, *Antônio Jacinto* e *Agostinho Neto*; com as santomenses *Maria Manuela Margarido* e *Alda do Espírito Santo*; os moçambicanos *Jorge Rebelo* e *Marcelino dos Santos*.

Depois do enraizamento, na temática da sua literatura, vieram a infância, a terra, a mãe, a africanidade, e, finalmente, o protesto que levará à luta armada pela libertação.

De um modo que quase poderíamos dizer profético, nos seus objetivos finais, esta literatura já nasce com um posicionamento de militância nacionalista, propondo-se lutar pela dignidade perdida pelos povos africanos colonizados. É que, vai ser na sequência desta literatura, que há de ser feito o apelo à luta armada e há de ser exaltado o combate pela independência e pela libertação.

.....

Para estes escritores africanos em língua portuguesa, surgidos nos anos 40 e 50, situar e orientar os problemas, os caminhos e os rumos dos seus povos, constituiu-se em vocação natural.

Diariamente eles se definiam através de uma posição de engajamento global, atuante e participante, participativa.

Para eles, o inimigo principal não era o homem branco, ou o homem português, mas sim o sistema colonial, o colonialismo.

Contra os mitos colonialistas do africano bárbaro, sem cultura, sem civilização e sem história, estes escritores reagiram pela reafirmação universalista dos valores africanos, através da denúncia sistemática dos condicionamentos políti-

cos da situação colonial, denuncia que, inevitavelmente, apontava para a emancipação e para a independência nacional.

Então, falar de renascimento cultural, e ra o mesmo que falar de libertação.

.....

O escritor africano de língua portuguesa, exemplo típico de *assimilado*, vai reagir à sua situação artificial de desenraizado, retomando e pesquisando no passado as raízes correntes da sua afirmação africana, da sua conscientização individual e coletiva.

Repudiando o assimilacionismo, ele mergulha voluntariamente no seu verdadeiro universo, o universo africano.

Em *Cabo Verde*, por exemplo, cuja literatura se vinha individualizando desde há várias décadas, apenas foi necessária uma revisão do processo de formação social, para melhor situar a cultura caboverdiana no seu contexto africano.

Já em *Angola* e em *Moçambique*, houve que partir à redescoberta e à releitura dos escritores-jornalistas pré-nacionalistas de meados do século 19 e início do século 20.

Por isso, não foi por um simples acaso que foi nessa velha geração que os jovens intelectuais angolanos dos anos 40. foram buscar a força e a inspiração para, em 1948, lançarem o movimento cultural *Vamos Descobrir Angola!*

.....

De Angola, este grito espalhou-se por todos os territórios africanos então colonizados por Portugal (Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique).

Os jovens escritores foram então beber à memória coletiva dos seus povos, que, embora clandestinamente, conservava o capital literário africano.

Partiram para a pesquisa literária, rei

vindicaram com orgulho a sua condição africana, e desembocaram, quase todos, numa temática comum: a denúncia da opressão colonial; denúncia politicamente engajada. O ritmo literário passou a ser claramente africano, recusando a falsa fraternidade pregada pelo colonialismo.

Amor e Liberdade, tornaram-se as palavras mais usadas por essa literatura!

.....

Recuando no tempo, podemos dizer que os precursores da literatura africana de língua portuguesa foram, na poesia, *Costa Alegre e Rui de Noronha*.

Costa Alegre, de São Tomé e Príncipe, escreveu a sua obra cerca de 1880, em Portugal (Lisboa), onde então estudava, mas só viria a ser publicado em 1916.

A sua poesia fala do africano discriminado pela sua cor, socialmente humilhado, culturalmente desenraizado.

Mas, ele fica-se ainda pelo masoquismo da auto-condenação ética.

A sua literatura ainda é de submissão, apesar de já ser de denúncia.

.....

Quanto a *Rui de Noronha*, de Moçambique, será lá mesmo em Moçambique, na década de 30, que ele vai expressar na sua poesia, os conflitos sociais do seu país colonizado, vai falar já da opressão, mas também acaba refugiado numa temática exclusivamente lírica e num misticismo de resignação.

.....

Pouco depois, em Cabo Verde, em 1936, surge a revista cultural *Claridade*, sem dúvida a primeira manifestação cultural coletiva caboverdiana.

O movimento cultural a que deu origem, e cujos nomes maiores terão sido *Jorge Barbosa*, *Baltazar Lopes* (*Osvaldo Câmara*), *Manuel Lopes*, provocou uma profunda viragem na literatura daquele território, pois propunha, como ponto de partida, o estudo do processo de formação étnico social do território e das suas raízes.

Influenciada, esteticamente, pelos modernistas brasileiros e pelos presencistas portugueses, esta geração de escritores foi, certamente, de toda a moderna literatura africana de língua portuguesa, aquela que atingiu mais alta qualidade e melhor nível.

A literatura de *Claridade* usou, sobretudo, a temática da evasão; isto é, da fuga; fuga aos grandes dramas nacionais caboverdianos: *a seca e a fome*; fuga que levava e continua levando emigrantes de Cabo Verde para os cinco cantos do mundo.

De algum modo, esta foi uma literatura de *resignação contemplativa*, grandemente marcada pelo universo cultural europeu, muito mais do que pelo universo cultural africano.

Eles foram, estes escritores da *Claridade* (*os claridosos*), muito mais universalistas do que regionalistas, internacionalistas do que nacionalistas.

.....

Como a renovação cultural é produto de uma reflexão sobre o próprio processo histórico, nas então colónias africanas de Portugal, terminada a 2a. Guerra Mundial, os jovens escritores intelectuais em geral, passaram a reexaminar a questão cultural, no vasto enquadramento do conflito colonial.

E foi então que, em Luanda, um grupo de jovens - que a si mesmos se chamaram de *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola* -, jovens escritores, lançou em 1948, a palavra de ordem *Vamos Descobrir Angola*, pouco depois concretizada na revista *Mensagem* - e, por isso, fi-

cariam, estes escritores, conhecidos como a *Geração da Mensagem*.

Quem formulou a teoria e a estética deste Movimento foi o poeta angolano Viriato da Cruz, aliás o nome (literariamente e politicamente) mais importante daquela geração.

.....

Anos mais tarde, já no seu exílio em Pequim, onde morreu em 1933, Viriato da Cruz, referindo-se ao *Movimento da Mensagem*, retrospectivamente, escreveria:

"O Movimento deveria retomar, mas sobretudo com outros métodos, o espírito combativo dos escritores africanos do fim do século XIX e dos princípios do atual.

"Esse Movimento combatia o respeito e exagerado pelos valores culturais do Ocidente, muitos dos quais caducos; concitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos, através de um trabalho coletivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas criações positivas e válidas; exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista.

"Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas".

.....

Para os jovens escritores de *Vamos Descobrir Angola*, isto é, da *Geração da Mensagem*, não bastava repensar apenas o caso particular angolano, dar forma literária à expressão dos sentimentos do homem angolano.

Eles acreditavam que precisavam *descer à rua*, que lhes era indispensável identificarem-se com os anseios, as aspirações e as exigências do seu povo.

Como consequência lógica de tudo isto, desta proposta e destes objetivos, surgiu a dinâmica cultural especificamente incentivada pelo aparecimento do *Movimento dos Novos (Poetas) - Intelectuais de Angola*, a fundação da revista *Mensagem* e a feitura e lançamento de um plano clandestino para a alfabetização de adultos.

.....

Assim nasceu a moderna literatura angolana (que, portanto, esteve na origem, com a sua *Geração da Mensagem*, de toda a moderna literatura africana de língua portuguesa).

Começaram a distinguir-se os escritores que decifravam o cotidiano real, seu e do seu povo: Viriato da Cruz, Antônio Jacinto, Mário de Andrade, Alda Lara e inúmeros outros.

Eles entoam um novo cântico, pré-nacional e proto-nacional, o chamado canto da *Angolanidade* (e, nos outros países, o da *Moçambicanidade*, *Caboverdianidade*, etc).

E logo se abateu, sobre toda esta jovem geração de escritores, o aparelho da repressão colonial salazarista.

Para poder garantir a preservação do obscurantismo do povo, o regime colonialista português empurrou os jovens escritores africanos para a prisão, para o exílio, ou para a clandestinidade.

Mas, respondendo à repressão, os jovens escritores africanos de língua portuguesa logo retomaram o seu combate cultural (e, consequentemente, político).

Desta vez, na própria metrópole colonial, na capital, Lisboa, através da *Coleção Autores Ultramarinos*, editada pela então chamada *Casa dos Estudantes do Império*, onde se agrupavam os africanos que estavam estudando em Portugal.

Várias antologias (abrangendo todas as colônias) foram então, ali, editadas, além de diversas obras individuais.

Até que, no início dos anos 60, a política política famosa PIDE/DGS encerrou a organização, prendeu os seus dirigentes e fechou a editora. Entretanto, começara a guerra!

.....

Podemos dizer que a evolução da moderna literatura africana de língua portuguesa, em seu processo, se divide, essencialmente, em três fases, segundo o historiador angolano e poeta, Mário de Andrade.

A primeira fase é a fase da Negritude, da negação do assimilacionismo, daquilo a que Aimé Cesaire chamou de postulação impaciente e irritada de fraternidade.

.....

O ponto de partida desta primeira fase pertenceu a Francisco José Tenreiro, de São Tomé e Príncipe, em seu livro *Ilha de Nome Santo*, editado em 1942.

Aí, Tenreiro universaliza a (sua) condição humana (homem insular=oprimido), e revaloriza o patrimônio cultural negro-africano.

Ele está fora do seu país, vivendo em Portugal, e a sua poesia solitária é de exaltação a São Tomé e, pela primeira vez em língua portuguesa, de exaltação da Negritude.

No começo dos anos 50, relaciona-se com os jovens africanos que, em Lisboa, formavam o *Centro de Estudos Africanos* (Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Lúcio Lara, Agostinho Neto, Mário de Andrade e outros), que já tinham uma atuação militante anti-colonial; influenciado por esses jovens, Francisco José Tenreiro assume idêntica postura, escreve sobre aquilo a que chama *a peregrinação dolorosa do homem negro de todo o mundo*, altera o conteúdo da produção literária, protesta, reivindica e passa a afirmar que *o seu co*

ração está em África.

.....

Em abril de 1963, Francisco José Tenreiro é convidado a publicar uma análise da situação da poesia africana em língua portuguesa nessa época do seu contato com o CEA.

O texto é editado na revista da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, também chamada Mensagem, que é muito significativo.

Aí, nomeadamente, podemos ler o seguinte:

"De uma maneira geral, era este o panorama da poesia ultramar em 1953.

"De um lado, aqueles, os do exotismo; do outro, os que procuravam exprimir aquilo que, por falta de palavras mais significativas, se entendeu chamar Negritude.

"Não é este o momento para explicar o que então se entendia por Negritude.

"Foi suficientemente divulgada, amada e tão incompreendida por alguns, que de todos é conhecida já esta posição de poetas.

"Mas, o que tem significado dizer agora, é que foram esses poetas que, pela primeira vez, nos ritmos livres dos poemas, equacionaram, aos que têm sensibilidade, as tensões sociais que estão na gênese da problemática atual do mundo ultramarino...

"Tínhamos, assim, em 1953, a poesia do exótico, afastada das realidades miúdas da vida do homem; a Negritude, ou poesia de conscientização do homem perante as mesmas realidades, finalmente, a poesia do amor, a caboverdiana; que, vão voltando as costas à vida tomada no seu conjunto de valores, consubstancia em si o casoparticular de um encontro generoso de civilizações'.

.....

A segunda fase da evolução da moderna

literatura africana de língua portuguesa, *é o momento da particularização.*

Ela é provocada pelo alargamento, e mesmo pela ultrapassagem da Negritude.

Esta, é uma literatura que já revela nítidos contornos nacionais; e que se torna mais profundamente inserida na realidade social de ca da colônia.

A consciência nacional passa a desen volver-se ao ritmo da criação literária.

Simultaneamente, esboçava-se a estrutura dos movimentos políticos, os futuros movimentos de libertação nacional (PAIGC - Cabo Verde e Guiné - Bissau; MLSTP - São Tomé e Príncipe; MPLA - Angola; FRELIMO - Moçambique)

.....
Entre 1953 e 1960, os escritores africanos de língua portuguesa apreendem, em sua produção literária, o processo histórico que passara a caracterizar as mudanças na sociedade colonizada, isto é, nas colônias.

É o período da atualização temática.

Estas convergência temática e unidade temática, são determinadas pelo enraizamento dos poetas no seu país, no seu chão nacional (como dizem os guineenses e os caboverdianos).

Em todas as colônias africanas de Portugal se erguem, então, inúmeras vozes de denúncia.

.....
 Em *Cabo Verde*, por exemplo, os poetas asfixiam "o desespero de querer partir e ter de ficar".

E, definitivamente, vinculam-se, a todos os níveis, e em todos os domínios, à realidade africana quotidiana.

Em *São Tomé e Príncipe*, entretanto, a poetisa Alda do Espírito Santo exige, em seus poemas, "*justiça para os carrascos do povo*".

.....

E entramos assim, finalmente, na *terceira e última fase* deste processo evolutivo da moderna literatura africana de língua portuguesa.

É quando, com o início dos anos 60, o povo angolano (primeiro), o povo guineense (em seguida) e o povo moçambicano (finalmente), tomando a iniciativa histórica do seu futuro, iniciam a luta armada de libertação nacional, a guerra anti-colonial, pela independência.

Ou, como a propósito escreveu e bem o poeta moçambicano *Jorge Rebelo*, é quando o verso dá lugar ao fusil e... *As balas começam a floar!*